

Rumo à cassação

Ex-diretora do Prodasen faz mais revelações da ligação de ACM e Arruda com a violação do painel

Ailton de Freitas

Ilmar Franco, José Augusto
Gayoso e Adriana Vasconcelos

BRASÍLIA

O Senado pode voltar a cortar na própria carne. A situação do ex-presidente Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e do ex-líder do governo José Roberto Arruda (PSDB-DF), acusados de violar o sistema de votação secreta na sessão que cassou Luiz Estevão, se agravou a ponto de abrir caminho para a cassação de seus mandatos. Durante mais de cinco horas de depoimento na Comissão de Ética, a ex-diretora do Prodasen Regina Célia Peres Borges não só confirmou o envolvimento dos dois senadores na fraude como revelou mais detalhes da participação de Antonio Carlos e Arruda, dizendo ter tido cinco encontros com o tucano e quatro conversas, duas delas por telefone, com o pe-felista, especialmente para discutir a operação que montaram para fraudar o sistema de votação. Nos partidos governistas, nos de oposição e no Palácio do Planalto, as revelações de Regina foram consideradas arrasadoras para o futuro de Antonio Carlos e Arruda.

— Não me botaram faca no pescoço, mas era um pedido do presidente do Senado — disse Regina, referindo-se a Antonio Carlos. — Arruda disse que o assunto era sigiloso até sob tortura.

Senadores e líderes de todos os partidos acham que esse é o caso mais grave de quebra de decoro no Congresso e que a situação é de cassação dos mandatos.

— O depoimento foi devastador, avassalador. Para mim o que ela falou soa a verdade pela riqueza dos detalhes e pela fato de ela não ter caído em contradição, mas é preciso estabelecer o contrário — afirmou José Agripino (PFL-RN).

Regina contou que, além do telefonema de Antonio Carlos agradecendo-lhe pela lista, teve mais três conversas pessoais com ele para tratar da violação do voto secreto, uma delas na casa de uma secretária do senador, Isabel Flecha de Lima.

Também revelou que foi à casa de Arruda três vezes para acertar detalhes da violação. Em outro encontro, o líder a pegou, no carro oficial, em frente à igreja Perpétuo Socorro. Deram algumas voltas e ele a deixou novamente em frente à igreja. Num das conversas em sua casa, Arruda ficou receoso de que ela estivesse com um gravador, e conversou por bilhetes. Ela disse que foi pressionada pelo tucano a não revelar a verdade, nem sob tortura, e que ele chegou a ensaiar uma sessão de perguntas e respostas para preparar seu primeiro depoimento à Comissão de Ética.

— Se for comprovado que o senador Antonio Carlos ligou no dia 28, às 10h, para sua casa, isso se constitui em prova quase definitiva — disse Pedro Simon (PMDB-RS).

— Com o laudo da Unicamp, a gravação da conversa de Antonio Carlos com procuradores e o depoimento da dona Regina está ficando evidente que houve quebra de decoro e que foi cometido um crime de responsabilidade — disse Carlos Bezerra (PMDB-MT).

— Foi um depoimento forte e grave. Provando-se tudo o que ela falou, Deus me livre! — reagiu Osmar Dias (PSDB-PR).

Quem acabou trazendo um dos principais fatos novos foi o líder do PT, José Eduardo Dutra (SE). Antes do início do depoimento, Dutra revelou que na véspera da cassação de Estevão conversou com Arruda, que insinuou a

possibilidade de violação. Dois dias depois, numa sessão, Dutra teria ficado surpreso quando Antonio Carlos lhe disse que a então líder de seu partido, Heloisa Helena (AL), teria votado contra a cassação de Estevão.

— Na ocasião não dei muita importância a nenhuma das duas conversas, embora tenha comentado com a senadora Heloisa Helena. Mas, diante dos novos fatos que se apresentam, acho essas informações relevantes e não podem mais ser encaradas como conversas de corredor, balelas ou bravatas — disse.

O corregedor Romeu Tuma (PFL-SP) também ficou impressionado com o depoimento de Regina pela riqueza dos detalhes e a coerência dos relatos. Tuma disse que ouvirá o assessor de Arruda, Domingos Lamoglia, na segunda-feira e que no dia seguinte ele será acareado com Regina. O senador informou que vai reconstituir a violação do painel com a participação de Ivar Ferreira e Sebastião Gazzola e a presença dos técnicos da Unicamp.

— Achei consistente e cheio de elementos para investigar e que podem nos levar a provas circunstanciais — disse Tuma.

Para evitar a cassação do mandato de Antonio Carlos, seus aliados no PFL passaram desde quarta-feira a defender um acordo. O argumento, segundo um deputado do PFL, é de que o acordo também seria benéfico para o PSDB, por causa de Arruda, e para o PMDB, por causa das acusações de corrupção que pesam contra o presidente do Senado, Jader Barbalho (PA). Mas a proposta foi rechaçada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso,

pelo PMDB e pelo PSDB. Fernando Henrique disse ontem, a interlocutores, que o Palácio do Planalto não vai patrocinar acordo para livrar alguém da cassação e que se for comprovada a participação de Antonio Carlos e Arruda na violação do voto secreto, o caso é de cassação do mandato dos envolvidos. A opinião do presidente vale também para as investigações que estão sendo feitas na Sudam e que podem atingir Jader.

Os senadores do PMDB e do PSDB estão convencidos de que Antonio Carlos foi flagrado num erro e é o único interessado num acordo. Os líderes dos partidos evitam falar a palavra cassação, mas ela está nas entrelinhas.

— Não vejo como fazer um acordo em torno de questões públicas. Os fatos são inadmissíveis — afirmou o líder do PMDB, Renan Calheiros (AL).

Essa é a avaliação do primeiro vice-líder do PFL, Eduardo Siqueira Campos (TO):

— A coisa ficou de um tamanho que não tem mais controle.

O presidente da Comissão de Ética, Ramez Tebet (PMDB-MS), ficou indignado com as insinuações de que o acordo estaria em curso:

— Não acredito e não participo. Não tem mais saída. Não se trata de perseguir o Arruda ou o Antonio Carlos, temos que cumprir nossa missão.

Jader acompanhou o depoimento em seu gabinete. Assessores disseram que é fantástica a versão de que tenha procurado acordo com Antonio Carlos justamente no momento em que seu adversário caiu em desgraça. Jader acha que os fatos terão desdobramentos por si só, e que não há nada que precise fazer para que as coisas andem.

— O fato político quando ganha pernas perde a cabeça — disse a senadora. ■

• PRINCIPAIS TRECHOS DO DEPOIMENTO DE REGINA na página 8



REGINA BORGES: cinco encontros com Arruda e quatro conversas com ACM para tratar da violação